

Nas Entranhas da(s) Cidade(s)

Resistências à organização capitalista da vida urbana

Cleber Rudy*

Resumo: O presente artigo visa tecer algumas considerações sobre o movimento *squatter* no Brasil. Movimento este, que na senda da contracultura européia dos anos 60, manifestava ressonâncias no meio urbano brasileiro, décadas depois através das perspectivas anarco-punks, que projetavam alternativas a organização urbana capitalista, a partir da “expropriação” de casas e demais espaços desocupados ou abandonados.

Palavras-chave: punks, anarquismo, cidades.

Abstract: The present article aims at to weave some notes on the movement to squatter in Brazil. Movement this, that in inside of the European cultivation of years 60, it revealed resonances in the Brazilian urban way, decades later through the perspectives anarcho-punks, that they projected alternatives the capitalist urban organization, from the “expropriation” of houses and too much free spaces or abandoning.

Keywords: punks, anarchism, cities.

*Olhou a porta que foi ao chão
Era sua hora e sua ação
Estamos agora em nosso lar doce lar
Antigamente abandonado e agora ocupado
Ocupado pra viver, ocupado pra morar
Ocupado pra mostrar autonomia
Um espaço produtivo, contra a propriedade,
Resistindo com um lema de solidariedade,
Se o mundo me rejeita não da chance pra lutar,
Adquiri perspectiva pra com ela
Produzir e divulgar.*

L.A.I., *Canção para squatters*.¹

Seguindo pela contramão da via expressa

* Mestre em História do Tempo Presente pela UDESC. E-mail: vanrudy@gmail.com.

Passo por um prédio carcomido. Paredes descascadas, repletas de inscrições indecifráveis. Uma bandeira que foi branca tremula no alto. Tem um círculo e uma espécie de raio apontando para cima. (...) Fui encontrando aquele símbolo, tremulando em bandeiras no alto dos prédios. Pintados nas portas, janelas. Via cartões postais. Que tipo de coisa podia ser esta? Uma brincadeira, organização estudantil, sociedade secreta? Um mistério que me envolveu, deixei alimentar por um tempo. É bom se rodear de um enigma, pensar nele, sonhar loucuras. Aquele sinal seria um código, elemento de identificação, senha? Era tão constante, tão recorrente na paisagem berlinense. Depois de algum tempo, descobri. O sinal nada mais era que a representação de um movimento importante na nova Alemanha.²

Sensações que seriam registradas pelo jornalista Ignácio de Loyola Brandão, na década de 1980 quando morava na Berlim Ocidental. Mas qual seria este movimento que lhe prendeu a atenção? Pois bem, que o enigma seja revelado: *squatters* é como se chamam, e a ocupação de casas abandonadas é o que defendem.

O Movimento *squatter* nascido na Europa durante a década de 1960 - envolto pelo fervor da contracultura - propunha, enquanto alternativa à falta de moradia, a invasão de casas ou apartamentos fechados ou abandonados. Abandono este que atrelado à especulação imobiliária tinha como estratégia manter estes imóveis “(...) apenas para que se valorizem e possam ser vendidos num momento de bom preço”³ ou que se deteriorem rumo uma demolição facilitada para no seu lugar abrigar residências luxuosas. Para tanto,

A jogada era a seguinte: o aluguel ou venda de apartamento segue tabelas de acordo com a idade da construção. Enquanto que há praticamente total liberação para os novos, recém-acabados, os mais antigos seguem tetos que não podem ser ultrapassados e sempre são baixos. Portanto, acessíveis a camadas da população de renda menor, ou desempregados, ou estudantes que vivem de mesadas e bolsas. A política de aluguel baixo ou venda a um preço determinado não interessa aos proprietários. Daí o esvaziamento, a espera da decadência, a demolição.⁴

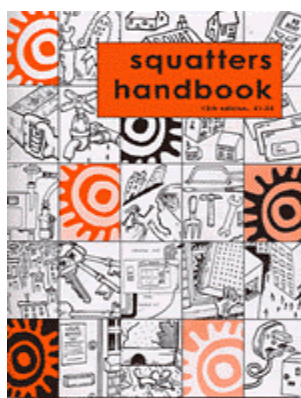
Agregado a este mercado imobiliário pode-se incluir, ainda, o processo de gentrificação, este elemento gerador de espaços “ociosos” e agente de despejos. A grosso modo podemos dizer que a gentrificação se traduz num excludente conjunto de transformações do espaço urbano, através do privilégio concedido a determinados segmentos sociais visando a recuperação do valor imobiliário de ordenadas áreas urbanas, almejando o enobrecimento de regiões centrais das grandes cidades.

Ao tratar da política de gentrificação generalizada que tomou conta de Nova Iorque, Neil Smith pontua:

As lutas contra ela culminaram entre os anos de 1988 e 1991, com a tomada, pelos sem-teto, *squatters*, militantes e moradores do bairro, do Tompkins Square Garden, no Lower East Side, em resposta a uma escandalosa tentativa da polícia de impor um toque de recolher. Somente em 1991 o parque foi recuperado pela polícia municipal de Nova Iorque.⁵

Em Londres onde surgiu os primeiros estudos na década de 1960⁶ sobre o processo da gentrificação, o *squatting* não é crime, “se você consegue entrar num prédio, sem causar danos criminosos óbvios, e trancá-lo, ele se torna sua residência legalmente. Você tem direito a receber sua correspondência ali, serviços como eletricidade e gás, coleta de lixo e privacidade”.⁷ Podendo contar mediante os riscos de reintegração de posse com organizações como a Advisory Service for Squatters (ASS). Serviço consultivo que presta assistência a *squatters* desde 1975. São responsáveis ainda pela publicação do manual *Squatters Handbook* que completa a sua 12ª edição. Em suas páginas oferece orientação sobre a arte de ocupar, por módicas 2 libras.

Há todo um procedimento a ser seguido, em encontrar um lugar, ficar de butuca por umas tardes, não invadir sozinho para não ter problemas com os vizinhos ou a polícia, trancar o local e tirar os lacres das janelas, colocar o *Legal Warning* (aviso legal) fora da casa (que consta como parte do seu direito legal de estar invadindo), troca de fechaduras...A polícia não pode entrar sem um mandato, a não ser que você resolva bancar o malvado. Você explica pra eles (sendo firme e educado, mas não abra a porta!) que o dono tem que passar pelos procedimentos legais para ter seu imóvel de volta. Depois traga suas coisas pra dentro, nunca deixe o prédio vazio e faça seu registro de gás ou eletricidade (isto é pago e opcional).⁸



Última edição do manual *Squatters Handbook*, publicado pela ASS

Todavia, mesmo diante de todo um esquema de amparo aos *squatters* há casos de despejos (*evictions*). Um dos casos marcantes foi o da comunidade anarquista do bairro londrino de *Brixton*, o *Squat 121 Center*, que após 18 anos de existência - mesmo frente à resistência do *squatters* - era desapropriado em 1999.

Ao registrar sua experiência punk em Londres Kuru, um brasileiro que morou no *121 Center* e que é autor do livro “Não Compre”, comenta:

Toda e qualquer atividade no *121 Center* tinha viés político, de puro ativismo. Estávamos ali, contrários à vontade do Estado e da polícia, a grande maioria de revolucionários e eco-terroristas (...) A gente ia nos *skips* (lixos grandes) atrás dos supermercados e feiras, e pegava tudo o que eles não queriam mais...Era muita comida, às vezes cozinhávamos para quase 100 pessoas!⁹

Diante da preliminar de desalojo do *squat 121 Center*, amparada em políticas de revitalização - que mascaram a gentrificação - de espaços como o bairro de *Brixton*, o *squatter* Kuru lembra:

A desocupação foi uma verdadeira ocupação de guerra. Nós, antevendo a movimentação policial, preparamos verdadeiras barricadas, fazendo uma verdadeira festa gigantesca de rua, em fevereiro de 99, reunindo mais de 800 pessoas que fecharam a rua por mais de 2 dias, buscando apoio popular e mundial contra o fechamento do 121, o mais antigo e um dos mais importantes Centros Anarquistas de Londres.¹⁰



Squat 121 Center de Londres, destaque para a faixa “\$top the gentrification!”

Na lista dos *squatters* também estão galpões ou fábricas velhas como lugares que podem se tornar moradia ou centro cultural. Um outro tipo de ocupação que tem ganhado adeptos enquanto elemento de excitação: as *squat parties* - festas *rave* que são realizadas em prédios abandonados. Mas como observa Loyola Brandão a “ocupação é movimento sério, nascido da necessidade e do protesto contra a especulação imobiliária que não hesita em deixar gente na rua, para conseguir lucros”.¹¹

Anseios *squatters* que levariam um grupo em parte formado por *hippies*, anarquistas, artistas, músicos e comunistas, a invadir na primavera de 1971 na cidade de Copenhaga um campo militar abandonado pelo governo dinamarquês no final da década de 1960, para nos seus 22 acres e 150 prédios dar vazão à criação de uma sociedade alternativa, idéia germinada pela contracultura, que a partir de encontros jovens de cariz *hippie*, buscava-se sanar a necessidade de um espaço próprio para o desenvolver da autonomia (espiritual, psicodélica, ética, musical). “Nós não éramos apenas invasores *squatters*, nós éramos na maioria *hippies* e queríamos começar a criar nosso próprio país, um Estado livre, com nossas próprias leis e nossa própria bandeira”.¹² Assim, a comunidade libertária de Christiania se afirmava.

Entre os *squatters* ou *okupas* (como são conhecidos na Espanha e na América Latina) encontram-se desempregados, ex-presidiários, *punks*, anarquistas, assim como demais segmentos da contracultura, tais como os *hippies*. “Em suas manifestações as

palavras de ordem refletem o estado de espírito combativo de uma juventude que não vê perspectivas no sistema dominante: ‘Legal, ilegal, schei egal!’, ou seja: ‘Legal, ilegal, é tudo igual!’¹³.



Símbolo dos *squatters*

O *Squat*¹⁴ enquanto espaço revitalizado nasce do comprometimento coletivo: puxar água, luz (por vezes de forma clandestina), limpeza e reforma em regime de mutirão e a organização política do espaço que por vezes segue o princípio anarquista da autogestão, ou seja, a administração do espaço desenvolve-se mediante o compartilhar de responsabilidades entre os envolvidos.

Estive em alguns prédios ocupados, onde a divisão de espaço tinha sido muito bem racionalizada. O trabalho coletivo recuperou tetos que caíam, paredes que rachavam, banheiros entupidos, pisos inexistentes. O clima entre as pessoas é diferente, sente-se solidariedade.¹⁵

Na Holanda alguns anarquistas seriam os responsáveis em meados de 1960 por uma organização supra-sumo de ocupação, desenvolvida a princípio em Amsterdã, e que ficaria conhecida como movimento *Kraker*, termo originário da palavra *crac*, quebrar. O grupo mantinha um arsenal de resistência composto de várias táticas: a revista *Kraakkrant*, rádios clandestinas, advogados e os *Kraak-kafés*, que são bares “sem fins lucrativos e de acesso livre a quem quiser freqüênta-los”.¹⁶ Face às ações policiais armada de bombas de gás, cassetetes e tanques, os *Krakers* se valiam de recursos que iam desde um elaborado sistema de alarme que mobilizava milhares de militantes, até barricadas, pedras, paus e molotovs.



Logotipo de um coletivo *Kraker* de Amsterdã

Situação de alerta que também acompanha o cotidiano *squatter* mediante as ações de despejos.

Em todos os prédios notei; em cantos estratégicos, carrinhos, desses de supermercados, abarrotados de munição: pedras, paus, ferro, tudo que possa ser utilizado numa refrega, se a polícia chegar de repente. Os ocupantes não entregam o ouro facilmente, defendem o que acham justo.¹⁷

Resistência *squatter* que ganharia canções como a da banda “Repulsa Sozial”,¹⁸ que em *Des-Okupación*, canta,

Hás entrado em tu casa
Uma casa ocupada,
Uma casa rehabilitada,
Un centro social.

Han destrozado la puerta
Anti-disturbios a patadas
Quieren echaros de aqui
Pero le vais a resistir.

Resistencia, resistencia, okupación.

Barricadas incendiarias
Y encapuchados a pedradas
Van cargando contra ellos
Los represores del pueblo.

Son disturbios callejeros
Y luchan por un ideal.
Habrá muchos detenidos
Y de ellos hablareis muy mal.¹⁹

Confrontos estes, que acabariam por sinalizar “que a própria dinâmica da cidade é capaz de revelar (...) movimentos que nem sempre sincronizam com a linearidade e a racionalidade presente nos discursos dominantes”.²⁰

Acerca das lutas contra o processo de gentrificação dos centros urbanos, Neil Smith destaca:

De Amsterdã a Sidney, de Berlim a Vancouver, de São Francisco a Paris, a segunda onda²¹ de gentrificação se fez acompanhar pela ascensão de uma miríade de movimentos, de sem-teto, *squatters*, locatários, assim como outros movimentos anti-gentrificação, e de organização ligadas a temas afins.²²

Para tanto, nos anos 80 uma campanha *anti-squatter*, ganharia corpo na Europa implementada pelo Governo devolvendo o sono a inúmeros proprietários. O pacote de despejos violentos e intimidatórios incluía a prisão de ocupantes mediante penas severas, repressão a manifestações de protesto, e assassinato, como do jovem Klaus Jürgen Rattay de 18 anos, morto durante ação policial a uma ocupação em Berlim.

Uma rua de mão dupla

No Brasil o movimento *squatter* daria seus primeiros frutos na década de 1990. Enquanto primeira experiência de repercussão no Brasil tem-se uma ocupação realizada na capital do Estado de Santa Catarina. Um prédio composto de 15 cômodos, localizado na Alameda Adolfo Konder (próximo da Praça da Luz) seria ocupado em julho de 1993 por cerca de 10 anarco-punks, que almejavam criar ali um espaço alternativo destinado à produção cultural (o movimento anarco-punk, nascido das imbricações do *punk* dos anos 80, assimilaria as doutrinas anarquistas, dando às suas manifestações um conteúdo mais político). O prédio ocupado havia pertencido a várias associações entre elas a dos servidores da Santur (Santa Catarina Turismo). Visando utilizar somente parte do espaço, os jovens punks anarquistas almejavam servir de exemplo a outros grupos *underground* e de minoria, esperando assim, ver na ocupação uma miscelânea de atividades culturais.

Sobre a ocupação o jornal *O Estado* publica:

Eles querem transformar a casa em um espaço alternativo para a cultura e dizem que só saem de lá depois que a prefeitura arranjar um outro lugar para eles abrirem à manifestação da arte, da música, da pintura e do teatro locais. Caso contrário, a casa vai virar um grande centro cultural.

Elenice Gouvêa, 17 anos, integrante do movimento, garante que existem vários prédios públicos abandonados na cidade e que poderiam ser transformados em espaços alternativos para a cultura. Grande parte, segundo ela, fica na avenida Mauro Ramos, uma das mais movimentadas da cidade.²³

E acrescenta:

Eles são anarquistas, mas frisam que não são desordeiros. Prova disso é a tentativa de recuperar o local abandonado desde o incêndio que aconteceu no ano passado. Sonham com um mundo onde não existam governantes, apenas respeito entre as pessoas.²⁴

Diante de toda uma descaracterização do ideal anarquista, por vezes tachado como desordem pelos meios de comunicação, os anarco-punks faziam questão de afirmar a força e criatividade do pensamento libertário enquanto intervenção urbana em busca de saídas ao sistema vigente, neste caso a constituição de um *squat* que buscava tornar-se um espaço alternativo destinado a eventos e trabalhos que se colocavam na contramão do estabelecido.

Desta forma, a criação de um espaço alternativo era visto como uma possibilidade de por em prática as teorias libertárias, da autogestão, da solidariedade e da afronta aos valores do mundo capitalista, entre eles o da propriedade privada e da massificação cultural.



Squat de Florianópolis

Nesta senda *squatter* sulista, que se projetava nos anos de 1990, outra ocupação levada a cabo por anarco-punks ganharia alento em julho de 1995 na periferia de Curitiba. O mesmo ficaria conhecido como *Squat* Kaäza.

Surgia “da necessidade de que alguns punks tinham de arrumar um lugar para morar e desenvolver a cultura punk”.²⁵ Sobre o estado da casa quando a invadiram comentam “estava detonada. O telhado e o assoalho estavam quebrados e não havia vidros nas janelas e nem muro”.²⁶

Além de contratempos com a revitalização do imóvel, episódios envolvendo ataques neonazistas (*skin-heads*), ameaças de “malacos”²⁷ e invasões policiais, marcariam a trajetória destes *squatters*.

Sobre uma das incursões da polícia ao *squat*, os *okupas* comentam “(...) eles chegaram e já foram invadindo todos os quartos procurando por uma menina de menor que havia descolorido os cabelos e fugido da casa da família dizendo que ia morar com os punks, felizmente nem a conhecíamos”.²⁸

O *squat* Kaäza abrigava uma pequena biblioteca de obras anarquistas e uma distribuidora de camisetas, *tapes*, adesivos e *zines*, remetidos via correio. Os *okupas* tinham nos trabalhos de rua, como a venda de *zines*²⁹ e adesivos na Rua XV de novembro (calçadão de Curitiba), uma fonte de rendas para melhoramento da ocupação e sustento do grupo.

(...) decidimos trocar os vidros das janelas, (...) começamos a vender o fanzine “Sentidos do Ser” nº 5 que teve sua renda convertida aos novos vidros. Todo lado exterior da casa estava exposto a toda movimentação que acontecia na quadra por estar totalmente desprotegido porque o muro que existia estava todo destruído. Organizamos então um pedágio em prol da construção do muro (...).³⁰

Atividades que serviam como alternativa econômica frente ao trabalho formal, visto pelo grupo como um dos sustentáculos da opressão capitalista, o que poderia ser traduzido pela máxima de Paul Lafargue, “na sociedade capitalista, o trabalho é a causa de toda degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica”.³¹ Posição política *squatter* que pode ser entendida como:

A apropriação por parte dos interessados do controlo sobre a sua vida social, e a afirmação das actividades autónomas, que são características das lutas urbanas actuais, estão em oposição directa à organização da cidade de acordo com as funções do controlo social e com os interesses do capitalismo enquanto dominação sobre o trabalho.³²

Porém se a ocupação de Florianópolis (independente da sua durabilidade) simbolizou o início de novos ares de organização frente à especulação imobiliária, a Kaäza constituiu o fôlego de um ideal a ser transposto a regiões alhures, como demonstrariam as tentativas *squatters* em Caxias do Sul e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Ainda em Curitiba, alguns *punks* anarquistas ocupariam em 1997 uma casa abandonada próxima ao centro, constituída de dois andares e dividida em 17 peças. Assim nascia o *Squat Payoll*. Sobre o porque do nome, um *okupa* explica:

Deu-se em homenagem à comunidade negra “Embernada de paiol de telha”, uma comunidade remanescente de Quilombo, que teve suas terras tomadas em 74 pela multinacional alemã cooperativa agrária mista “entre rios”, estes negros descendentes de escravos lutam pela retomada de suas terras até os dias de hoje.³³

Acerca dos primeiros dias no espaço os *squatters* lembram.

Tivemos também no começo, muito trabalho com a limpeza, pelo motivo da casa ser muito grande e a quantidade de lixo, entulho e merda ser enorme, como a água ainda não havia sido religada, tivemos que pegar água na vizinhança e limpamos as partes que precisávamos mais. Todos os banheiros da casa estavam entupidos, havia muitos vidros quebrados, algumas portas fora do lugar e várias pichações bestas por toda parte, o encanamento também estava danificado.³⁴

Buscando atuar como uma célula cultural alternativa, o *squat* Payoll organiza em setembro de 1998 sua primeira “Jornada Cultural”, com palestras sobre movimento *punk* e *squatter*, debates, exposição de vídeos, recitais de poesias, teatro e show beneficente ao próprio *squat* – visando arrecadar fundos para colocar energia elétrica na ocupação - com apresentação de bandas *punks* da Região Sul.³⁵ Sendo importante destacar que dois *okupas* participavam do grupo de teatro alternativo “Tem Q Pensar”, enquanto outro *okupa* integrava a banda de *hardcore* *Difekto*.

No final de 1990 mediante uma parceria entre duas produtoras de discos européias - a *Bad Influence Records* da Alemanha e a *Bursa Traumática Aperta* da Áustria - era

prensado o compacto *Payoll Benefit Comp.* do qual participava a banda *Difekto* ao lado de seis bandas da cena *punk-hardcore* européia. Iniciativa esta, destinada a arrecadar fundos para melhorias na ocupação, revelando que o lema libertário: “se a opressão capitalista não reconhece fronteiras, a solidariedade internacionalista tão pouco!”, tinha seu lado prático.

Em entrevista ao *Zine Anarkis Attack*, um dos *okupas* fala sobre alguns dos trabalhos desenvolvidos no local: “Temos uma distribuidora de material *punk* anarquista, uma pequena biblioteca, *fanzines* (...)”.³⁶ *Kraakers* era o sugestivo nome da distribuidora, que trabalhava com livros, *tapes*, *botons* e camisetas (confeccionadas pela própria serigrafia do *squat*), seguindo a filosofia do “faça você mesmo”.

O *squat* seria o alvo de inúmeros ataques neonazistas (*skinheads*) – grupo de jovens violentos também conhecidos por carecas que cultuam as idéias de Adolf Hitler, em prol do nazismo -, como registra um dos *okupas*: “em Curitiba o bicho ta pegando temos tido vários conflitos com os carecas, eles jogaram 2 bombas caseiras e pedra no Payoll e todo final de semana rola treta pelas ruas ou eles vem até o *squat* quase sempre de carro (...)”³⁷, confrontos que por vezes resultariam em situações mais críticas como o esfaqueamento de um *okupa* quando se dirigia ao *squat*.

Todavia a polícia seria outra “pedra no sapato” dos *okupas*. Diante de invasões que teriam como saldo apreensões de materiais - incluindo documentos que comprovavam a melhoria do espaço -, e a prisão de vários *okupas*, se começava a prever que o *Squat Payoll* não sobreviveria para ver o novo milênio. Sobre uma das ações policiais, uma pauta de 3 de junho de 1998, assinada pelo *Squat Payoll*, registra:

Três homens, que não se identificaram, entraram sem permissão e armados. Levaram quatro pessoas detidas até a Delegacia da COPE – Centro de Operações Policiais Especiais. Lá os rapazes foram revistados e ameaçados. Caso não desocupassem a casa até às 10h do 1º de junho seriam presos. Os policiais inclusive tentaram subornar os rapazes com a quantia de R\$ 500,00, para a desocupação. Em nenhum momento o dono da casa foi citado.

A COPE apreendeu comprovantes de pagamentos de água, fotos da casa em estado de abandono e materiais elétricos que seriam utilizados na restauração do imóvel. Por volta das 18h30 os rapazes foram liberados, com a promessa de que não seriam esquecidos. Vencido o prazo, nada aconteceu, mas o estado de tensão permanece.³⁸

Esta ação levada a cabo pela COPE se efetuava um dia após o “Ato Público contra a Violência Policial e Impunidade”, do qual participaram os *okupas*. Demonstrando a destreza de políticas intimidadoras aos que buscavam desafiar o poder oficial, denunciando seus abusos.



Resistência à especulação imobiliária em Curitiba

A situação se complicaria no transcurso de 1999, frente a uma ação movida pelo proprietário do imóvel contra os ocupantes do espaço, que responderiam pelo Art 150 do código civil, ou seja, invasão de domicílio, fato que traria em sua esteira uma ação despejo realizada no dia 2 de junho. Sobre a mesma, o jornal *O Estado do Paraná* registra: “os punks que estavam morando há cerca de dois anos na casa existente na esquina das ruas Visconde de Nácar com a Padre Anchieta foram despejados ontem pela manhã”.³⁹

Sobre a desocupação um dos *okupas* comenta: “por volta das 9:00h da manhã, (...) fomos surpreendidos pelo ‘proprietário’ do imóvel requerido de ordem judicial de despejo acompanhado pela PM, Polícia Civil, advogado e ‘bondosamente’ com 2 caminhões de mudança. Imediatamente acionamos alguns grupos sociais, a imprensa e nosso advogado (...)”.⁴⁰ Acerca da medida de despejo o advogado dos *squatters*, apesar de vê-la como legal, ressalva “o equívoco é que a ação deveria ser de reintegração de posse ou imissão de posse, e não uma ação reivindicatória como aconteceu”.⁴¹ Na cobertura do despejo o jornal *O Estado do Paraná* acrescenta:

O punk Cleber de Moura, artesão, conta que quando eles invadiram a casa, ela estava completamente abandonada e muito suja. “Aqui era até ponto de venda e uso de drogas e tinha muito lixo. A gente limpou tudo.” Márcia diz até que foram eles próprios que restauraram a parte elétrica e hidráulica e pintaram o imóvel. Porém, o advogado Luiz Renato

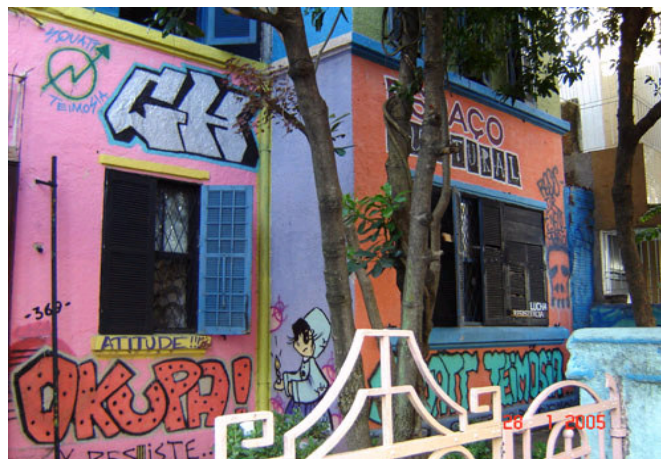
contradiz a versão. “O imóvel estava para alugar. Eles tiraram a placa e invadiram.” Um vizinho, que não quis se identificar, confirma que eles instalaram luz no lugar e não eram agressivos. “A nossa intenção é de mostrar às pessoas uma outra maneira de se viver. Não assaltamos ninguém, apenas resolvemos de forma alternativa o nosso problema habitacional”, completou Márcia.⁴²

Mediante resistências, dois okupas eram detidos, sendo logo em seguida liberados.

Para tanto, os okupas do ex-Payoll, dias depois (no dia 6 de junho) realizavam uma nova ocupação, a mesma era “(...) uma casa de 3 quartos, 3 banheiros, 1 sala, 1 cozinha, 1 garagem, 1 sacada, 1 área de serviço, 1 dispensa (...) muito pequena em vista do Payoll (...)”⁴³ e sobre a precariedade do espaço destacam: “(...) não temos água encanada, energia elétrica um vizinho esta nos cedendo um rabicho (...)”.⁴⁴ Assim surgia o *Squat Sobrado* de trajetória pouco duradoura.

Entretanto nas lembranças do extinto *Squat Payoll*, - espaço que conheci na ativa -, na memória uma cena aflora, a de um hilário personagem *squatter*, chamado Jaymes. Este cão “vira-lata” que conhecia Curitiba melhor do que muitos que ali moravam e que com seu pêlo tingido à violeta genciana,⁴⁵ fazia mais sucesso do que os próprios punks que pelo calçado circulavam.

Enquanto outra experiência na Região Sul, o *squat* Teimosia ocupado em 5 de julho de 2004 se constituía num tijolo a mais na construção do movimento *squatter*, que pouco a pouco ganhava corpo no Brasil. Seguindo a idéia: “se morar é um luxo, ocupar é um direito!”, invadiam uma casa de 30 peças que outrora servira como moradia do Inspetor da Polícia Rodoviária, no Bairro Bom Fim, uma área nobre no centro de Porto Alegre, propriedade esta que se encontrava abandonada já fazia mais de sete anos.



Squat Teimosia

Diante da grandiosidade do espaço, o *squat* abrigava uma biblioteca e uma videoteca. Tendo ainda no pátio de fundos um lugar para discussões ao ar livre, como a realizada em 2004 com integrantes da banda mexicana *Fallas Del Sistema*, acerca da militância anarco-punk no movimento zapatista. O *squat* patrocinava oficinas de artesanato como a confecção de velas e trabalhos com papel machê, grafiti, assim como malabaris, teoria musical, percussão, *cartoon* e fanzines.

A trajetória do *squat* Teimosia também seria marcada por problemas relacionados, a ataques neonazistas (*skinheads*) e batidas policiais, sendo que numa das ações da polícia (narcóticos) foram vários livros e vídeos apreendidos e 25 pessoas detidas, sob a acusação de “terrorismo”.

Enquanto a prática *squatter* se concretiza na violação de uma ordem vigente calcada na propriedade privada e na especulação imobiliária, a polícia, por seu lado, um segmento de manutenção da lei e da ordem, age para assegurá-las. Interesses opostos, que produziriam um ambiente de perseguições, acusações e confrontos, como os registrados em outubro de 2007 em Brasília, envolvendo os *okupas* do Centro Cultural Casa das Pombas, em que dez ativistas foram presos sob alegação de formação de quadrilha.

Mas ainda para evitar que as transgressões se tornassem modelos a serem seguidos não tardaria que uma notícia desanimadora batesse a porta da ocupação de Porto Alegre: por força de uma ação de reintegração de posse, os *squatters anarco-punks* seriam em março de 2005 desalojados do imóvel (pertencente à União Federal), pondo em xeque os sonhos de um Espaço Cultural.

Este movimento *squatter* abrigou ainda outras experiências em cidades brasileiras, em São Paulo os *squats* Pomba Negra, Dandara e Guaiana. No Rio Grande do Sul, as ocupações *Resist* e Colina. E no Paraná os espaços Chale, Getúlio, Sobrado e Mansão. Todas extintas pelas ações de despejos. Todavia, há espaços que ainda sobrevivem à voracidade policial e da especulação imobiliária, tais como a Casa Reciclada em São Paulo, a Kaäza no Paraná e o Corcel Negro em Santa Catarina, revelando que “as lutas urbanas nascem de reclamações imediatas e de contradições concretas. Demolem-se edifícios, aumentam as rendas, sobe o preço dos transportes”.⁴⁶ E neste sentido, frente a tais imperativos socioeconômicos, o movimento *squatter* – rebatendo uma sociedade

consensual – ao “reciclar” casas outrora abandonadas, lança luz a realização de utopias libertárias – zonas autônomas temporárias⁴⁷ – enquanto formas de resistência à organização capitalista da vida urbana, propondo, uma alternativa criativa ao problema habitacional e a excludente política cultural, geridas nas tramas cidadinas.

Notas

- ¹ Letra de música da banda anarco-punk curitibana Livre Associação de Idéias (LAI).
- ² BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O verde violentou o muro*. 11ª ed. São Paulo: Global, 1986. p. 52.
- ³ GABEIRA, Fernando. *Vida Alternativa: uma revolução do dia-a-dia*. 4ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1986. p.22.
- ⁴ BRANDÃO. Op. Cit. p. 221.
- ⁵ SMITH, Neil. *A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global*. In: De Volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. Tradução: Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006. p. 69.
- ⁶ A socióloga Ruth Glass inaugurava em 1964 a expressão *gentrification*, durante um de seus estudos sobre as transformações imobiliárias em Londres.
- ⁷ KURU. *Squatters: os anarquistas sem teto de Londres*. In: Revista Dynamite, Ano 9, nº 38, 2000. p. 18.
- ⁸ *Idem, ibidem*. p. 18.
- ⁹ *Idem, ibidem*. p. 18.
- ¹⁰ *Idem, ibidem*. p. 19.
- ¹¹ BRANDÃO. Op. Cit. p. 223.
- ¹² FREIRE, Roberto. *Pedagogia Libertária*. São Paulo: Sol e Chuva, 1996. p. 45.
- ¹³ BRANDÃO. Op. Cit. p. 223.
- ¹⁴ Termo inglês que equivale a propriedade invadida.
- ¹⁵ BRANDÃO. Op. Cit. p. 223.
- ¹⁶ TAVARES, Carlos A. P. *O que são Comunidades Alternativas*. São Paulo: Nova Cultural/ Brasiliense, 1985. p. 61.
- ¹⁷ BRANDÃO. Op. Cit. p. 223.
- ¹⁸ Banda espanhola punk-anarquista.
- ¹⁹ Letra extraída do álbum “Hasta Cuándo?!”
- ²⁰ CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. *Imagens do Conforto: a casa operária nas primeiras décadas do séc. XX em São Paulo*. In: Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, s/d. p.145.
- ²¹ Para o autor a gentrificação seguiu três ondas. Entre as particularidades tem-se, “a primeira poderia ser chamada de gentrificação esporádica; a segunda seria a consolidação do processo; enquanto que na terceira estamos frente a uma gentrificação generalizada”. p. 63.
- ²² SMITH. Op. Cit. p. 77.
- ²³ Jornal *O Estado*, Florianópolis, 11 de julho de 1993.
- ²⁴ Jornal *O Estado*, Florianópolis, Santa Catarina, 13 de julho de 1993. p. 9.
- ²⁵ Zine *Mohawk*. N°1, Curitiba, outubro de 1997. p. 62.
- ²⁶ *Idem, ibidem*. p. 62.
- ²⁷ Termo usado pelos punks para designar drogado, viciado.
- ²⁸ Inf° Punk – Squatt Kaazaa: 1 ano de existência. Curitiba, s/d. p. 4.
- ²⁹ Jornalzinho elaborado de forma artesanal e reproduzido, via foto-cópia.
- ³⁰ Inf° Punk – Squatt Kaazaa: 1 ano de existência. Curitiba, s/d. p. 7.
- ³¹ LAFARGUE, Paul. *O Direito à Preguiça e outros textos*. Tradução: Maria Flor Marques Simões. Lisboa: Estampa/ São Paulo: Mandacaru, 1990. p.15.
- ³² SCHECTER, Stephen. *Política da Libertação Urbana*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Sementeira, s/d. p. 57.
- ³³ Zine *Os Impregnantes*. Curitiba. Ano 5, nº 16, Abril de 1998. p. 13.
- ³⁴ *Idem, ibidem*. p. 13.

³⁵ Participaram do show beneficente as seguintes bandas: Nervoróticos, Caos Alcoólico e Difekto ambas de Curitiba, Estômagos Vazios (Porto Alegre), Kaos Reality (Esteio), Escarro Social (Mafra), Subsistência (Blumenau) e Rotten Anger (Londrina).

³⁶ *Zine Anarkis Attack*. Rio-Mafra. Nº 2, Junho de 1998. p. 12.

³⁷ Carta escrita por um okupa datada de 26/ 01/ 98. Arquivo do autor.

³⁸ *Punks são ameaçados pela COPE para desocupar casa abandonada*. Setor de Pautas, Curitiba, 3 de junho de 1998. Folha única.

³⁹ *Jornal O Estado do Paraná*. Curitiba. 03/ 06/ 1999. p. 17.

⁴⁰ Circular sobre o desalojo do *squat* Payoll. Folha única.

⁴¹ *Jornal O Estado do Paraná*. Curitiba. 03/ 06/ 1999. p. 17.

⁴² *Idem, ibidem*. P. 17.

⁴³ Carta escrita por um okupa datada de 18/ 07/ 99. Arquivo do autor.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ Remédio bucal que tem coloração violeta.

⁴⁶ SCHECTER, Op. Cit. p. 143.

⁴⁷ Conceito emprestado da obra TAZ – Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey, que aglutina intervenções que se dão na contra-mão da lógica do mercado e do sistema capitalista, utilizando-se dos recursos do próprio sistema para a promoção de um curto-circuito social.